

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 25 DE MARÇO DE 1888
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 166

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO.

A PROVINCIA DO CEARÁ

25 DE MARÇO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urbano Duarte,
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

Expediente.....	
A Libertação do Ceará... Diversos.	
A «Semana».....	Gêô
Historia dos sete dias.....	Augusto de Lima
Côro das espheras, soneto.....	Araripe Junior
Força velha.....	Cypriano Miranda.
Suicidio, soneto.....	Lahore
Na Serra.....	O. Duque Estrada
Em passeio.....	Domicio da Gama
Romancile.....	Candido Jucá
Um optimista.....	Emilio de Menezes
Soneto mythologico.....	Coelho Netto
Siryx — O ideal.....	Alberto de Oliveira
Longe da vida, poesia.....	Emanuel Karner
Pels noite.....	M. e Albuquerque
Domadores, soneto.....	Virgilio Varzea
Romance de um rapaz.....	Kininger
O grumete Nogueira.....	Avellar Brotêro
Estrellas, soneto.....	Lafayette de Toledo
Poetas mineiros.....	Lhao
Theatros e diversões.....	J. Dias Moreira
Teus olhos, poesia.....	Myllius
Crstos á bols.....	
Factos e noticias.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :
Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;
Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.
F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vicrem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corréa, com uma introdução por Machado de Assis.
— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.
— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Viera.
— *Mariposas* de J. Moraes Silva.
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :
— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

DATA GLORIOSA

Commemora-se hoje o quarto anniversario do inolvidavel dia em que, primeira entre todas, a provincia do Ceará se libertou da escravidão.

Esta commemoração, assume um caracter ainda mais fe-tivo e imponente pelo facto de ser feita sob o dominio do governo sympathico o benemerito que tem, proxivamente de fechar com um grande ponto final de luz a epopea negri-sangrenta da escravidão.

Imaginae um fio de estrelas a estender-se pelo azul da esphera; a mais distante, a de uma das extremidades do fio, é pequenina, a ultima, a da outra ponta é grande, muito maior do que aquella.

Pois bem : a libertação do Ceará representa aquella, o ministerio João Alfredo—Prado representa esta.

Ao Ceará cabe, a gloria de baver partido o primeiro grilhão, ao actual gabinete ha de caber a de rebentar o derradeiro.

Não relembremos os bellos e immorredouros episodios d'aquella santa campanha libertadora, pois estão ainda bem frescos na memoria de todo e

como que a população da Côte ainda tem ante os olhos a grandiosa procissão civic-glorificadora do heroico jangadeiro Nascimento, é as alegres e ruidosas *hermesses*, todas as festas emfim com que se celebrou a data illustre.
Aponas cumprimos o dever de saudala com enthusiasmo e reconbecimento.

A todos os corações que ella emociona e alvorota se associa *A Semana* para prestar á heroica provincia do Norte e a todos os campeões da guerra incruenta pela Liberdade a homenagem profunda e sincera de brasileiros amigos da sua patria e dignos da honra denascer debaixo d'este céu tropical, sobre estas fecundas e livres terras da America.

Hurrah! pelo Ceará!

A sociedade brasileira gravitava em torno de um ponto negro — a escravidão; e esse ponto touvo penetrava por modo tal todas as relações da vida nacional, que nenhuma questão se agitava sem que d'ahi bolsassem logo ameaças e o temores.

Não se comprehende, porem, uma sociedade immovel; e se as pyramides se subvertem, muito mais infecundas instituições.

Foi um ponto luminoso que veio um dia prometter a nossa terra uma manha clara e um vida sem assombros. Essa mancha de luz arraiou nas plagas cearenses. Era preciso que o arrebol da liberdade fosse escolher uma região afastada para emergir sem contragolpes.

O movimento se faz em regra pelo lado de menor resistencia; o seguramente o esquecimento dessa lei permittiu que, quando menos pensavam os contradictores do surto libertador, a claridade houvesse attingido o zenith da opinião.

Hoje, que as flamulas da idéa vencedora cobrem festivamente a encosta da montanha, quando os fusis do enthusiasmo lampejam nas cumiadas do Capitolio, só nos resta dar graças á patria, lembrando os nomes dos modestos obreiros do progresso, que tiveram a força de converter-se em legião, transfegurando o Ceará em S. Paulo e S. Paulo na Nação.

20—3—88.

ARARIPE JUNIOR

A logica da fagulba é incendiar e a logica do incendio é propagar-se.

Hontem foi a libertação do Ceará; hoje é a libertação progressiva do Brazil; e o que será amanhã?

Para a escravidão negra veio o abolicionismo e para a escravidão branca virá o socialismo.

E' a historia fatidica da maçã de Newton.

O dia 25 de Março é bello como o sol. Eu o saúdo com alvorço e d'aqui envio ao Ceará, minha estremecida patria, toda a febre do meu enthusiasmo juvenil.

CANDIDO JUCÁ

Quando mais tarde a historia passar recolhendo os seus elementos,— do que foi o nosso tempo—; guardará como maiores factores de nosso caracter e da nossa civilização, dois factos de admiravel superioridade: — A emancipação immediata, incondicional, e sem indemnização, da minha Provincia, o Ceará, essa formidavel constancia, essa colossal pertinacia de todos os abolicionistas e da imprensa democrata.

A este dia, por dupla razão, saúdo-o. Côte, 1888.

L. CABRAL

Todos aquelles que se interessam pelo movimento abolicionista que se tem operado no paiz, não devem desconhecer o grande acontecimento, cujo anniversario *A Semana* hoje commemora.

Para esses não são estranhas todas as circumstancias que contribuiram para a formação desse pedaço glorioso da nossa historia.

E' inutil pois,doixar aqui longas narrações, costumadamente adjectivadas, que apenas servirão para afastar do nosso espirito a grata impressão que nos produz a só lembrança dessa data.

Compartilhamos o regosijo que estas recordações trazem ao povo brasileiro.

NUNES CORREIA

Não posso deixar passar despercebida a data de hoje, que relembra o maior facto de gloria para a minha heróica e querida provincia.

Eu, como um de seus filhos, a saúdo com todas as forças dos meus sentimentos.

LUIZ GONZAGA FALCÃO.

PAGINAS ESQUECIDAS

A CANÇÃO DO CEARÁ

Podes entrar, forasteiro,
Sem temor podes entrar;
E' torrão hospitaleiro
O que foi herço a Alencar.

Aqui, onde os verdes mares
Bravios rugem na praia,
De cantos perfuma os ares,
Na carnaúba—a jandaia;

O jangadeiro amoroso
Vai nas ondas a cantar,
E a jangada aventureiro
Vai levando sobre o mar.

Enquanto as ondas prateadas
Vão cantando o seu poema,
E nas brisas perfumadas
Ouve-se a voz de Iracema,

Nas campinas de esmeralda,
Tão verdes! da cor do mar,
Do sol ao brilho, que escalda,
Vê-se um povo a trabalhar;

E em toda a extensão dos vastos
Expansos da lavoura,
Nas plantações e nos pastos,
Que o sol fecundando doura,

Pelas campinas floridas,
Verdes, grandes como o mar,
Nas rudes, alegres lidas
D'esse povo a trabalhar,

Já não se escuta o vergalho,
Nem a grita dos feitores;
Já não é mais o trabalho
De escravos para senhores!

Nem mais serões, nem mais eitos
Nem chicotes a estalar!
Homens fortes, satisfeitos,
E mais livres do que o mar!...

Apenas, em desagravo
Da antiga ferocidade,
Lembram-se as dores do escravo
Nas festas da liberdade...

Vinde, o gentes estrangeiras:
Podeis sem temor entrar:
São livres, hospitaleiras
Estas plagas de Alencar!

VALENTIM MAGALHÃES.

25-8-85.

AO CEARÁ

Em 25 de Março de 1881

Tu, que luctaste e que venceste agora,
Região tostada pelos sóes ardentes,
Vô se tomas uns raios vivos, quentes,
Do aurigero carcaz da tua aurora!

E com elles verhora o Sul, embora
Queiram ferir te as vozes maldizentes;
Que estes raios são settas refulgentes:
Mãe de guiar-nos pelo tempo e fora

Terra do bem, tás hoje um grande exemplo,
Tão grande! que eu te vejo e te contemplo
Como o sol espancando a escuridade.

Has de muito subir, torrão de bravos,
Poís quem derrota a noite dos escravos
Recebe em cheio o dia da igualdade!

ALFREDO DE SOUSA.

A SEMANA

Não podemos ser extranho a qual-quer acto que signifique um avanço de progresso e de civilização para nossa patria, decorra elle, de quem quer que seja.

Ao governo que passou não diviamos fallar: a sua permanencia no poder foi um ultrajar a nossa educação, e uma estagnação do desenvolvimento material deste paiz.

Hoje, porém que, pelo que se diz, e pelo que parece, phase mais lisengier, momento mais prospero vai ter a direcção das cousas publicas; e mais ainda pela influencia deste dia nos destinos do Ceará; offerecemos ao governo do illustre Sr. conselheiro João Alfredo o artigo abaixo, bem curado trabalho do gerente d'A Semana, o nosso amigo e companheiro Sr. Ismael Marinho Falcão, engenheiro pela Escola Polytechnica.

Em nome pois do Ceará pedimos a attenção do digno Sr. Presidente do conselho para o alludido artigo.

OS AÇUDES NO CEARÁ

Os illustres engenheiros Amarillio de Vasconcellos e H. Floglare, em sua memoria impressa na Fortaleza em 1882 — *O prolongamento da estrada de ferro de Balurité a Cariry e os açudes na provincia do Ceará*— tendo condemnado os projectos e orçamentos do Sr. Révy, não lembraram-se de um grande obstaculo que se pôde oppôr á conservação dos grandes reservatorios, que é algumas correntes subterraneas pelas quaes escapam todas as aguas; além do fóco de miasmas que se desenvolverão, a exemplo do que já se tem verificado nos grandes lagos de Apody, Cauhye, Pecem, Trahiry, Boqueirão e diversos que demoram entre Acarahú e Camocim, um destes tem mais de quatro leguas de perimetro; os quaes longe de servirem de abrigo aos immigrants que para alli refugiaram-se, foram um elemento de destruição (pela agglomeração de povo), em consequencia das febres de máo caracter e mesmo epidemicas.

— Igual desastre não acontecerá se o governo mandar construir em logar de açudes um paredão de alvenaria ordinaria de pedra e argamassa de cal hydraulica, protegida do lado inferior por uma forte barragem, estabelecendo assim a continuidade da serra Grande onde é cortada pelo rio Poty.

Por este meio represando as aguss deste rio formar-se-hia um lago que oc-

cupará uma área de 1.300 kilometros quadrados appproximadamente, com uma profundidade de 15 metros, e teremos um volume d'agua de 19.500.000^m3; e por meio de um canal alimenttar-se-hão os rios Acarahú e Quiqueramobim.

Ficando a provincia do Ceará com dons rios perenes na extensão de 700 kilometros; uma vez feito este maravilhoso melhoramento, unico efficaz, os habitantes daquella zona, em numero superior a 150 mil, por meio de uma barragem provisoria, que deve ser feita em cada mez de Maio, de custo baratissimo de 20 a 50.000 rs. conseguirão um deposito d'agua de 5.000^m3 a 50.000^m3, com a qual estabelecerão a irrigação de todos os terrenos aproveitaveis para agricultura (as cereas ou terrenos de alluvião).

Este systema já foi empregado no Arriatú, temo da Imperatriz dando resultado o mais satisfactorio.

Adoptando-se este systema de barragens provisorias estabelecendo uma serie de depositos, teremos: extensão 700.000^m, largura média 10^m, profundidade média 1^m, 20 = 8.400.000^m3 + 19.500.000^m3 (do lago) = 27.900.000^m3 de agua que infuirá infallivelmente para o melhoramento meteorologico e abastecerá uma população de 20.000 habitantes sem trazer os inconvenientes acima alludidos por serem aguas correntes e não mortas.

As despesas a realizar não devem exceder á orçada para os açudes Itacolomy e Quixadá.

Verificada a hypothese de ser mais dispendiosa a construção deste grande reservatorio, o que estáo coavencido não se dará, ainda assim é elle preferivel, pois dispensa a conservação e torna-se uma fonte de rendas para o Estado.

Os açudes darão resultados negativos visto como collossaes, como devem ser, absorverão grandes quantias, porque o serviço demanda um subido numero de empregados technicos, e de machinas que, com sua alimentação (sendo movidas a vapor, visto que não haverá queda d'agua nesses açudes) absorvem combustivel e lubrificação em alta escala.

O rio perenne, desde que a parede for convenientemente construida e consolidada, incumbe-se por si mesmo de limpar o leito e a hater as aguas com a correnteza.

Alem disse haverá a maxima vantagem, na facilidade com que os habitantes effectuarão derivações, que levem as aguas a todos os seus terrenos; podendo estes canaes ser traçados de tal modo que, depois de percorrerem consideraveis extensões, possam voltar ao primitivo leito, isto é dar uma volta pelos terrenos das margens, tendo a declividade bastante para que sigão, sempre descendo, até novamente encontrarem o rio.

ISMAEL MARINHO FALCÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Começa o Sr. Ferreira Vianna por feitamente a sua vida ministerial. A influencia que sobre o espirito e o coração de S. Ex. exerce a religião chistã, é justamente a que deveria excerep sobre todos os que a aceitam e a seguem.

Foram sempre de consolo e de allivio

aes que soffrom, as palavras e as acções do martyr do Calvario. Quem deixa soffrer uma criancinha, tendo em sua mão meios de remediar-lhe o mal, affirma a sua nullidade moral e intellectual. O illustro ministro da justiça que tem, dizem, um coração generoso e que é uma verdadeira potencia intellectual, reconheceu, em uma só visita que fez ao asylo dos mendigos, que aquillo não podia continuar assim. A imprensa, a cuja frente esteve sempre a *Gazeta de Noticias*, debaldo reclamou contra a falta de hygiene d'aquelle estabelecimento onde se accommodavam promiscuamente 400 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Os ex-ministros talvez até achassem magnifico o asylo. Para mendigos não ha hygiene e nem ha moralidade...

O actual ministro da justiça pensa bem diversamente: aquella casa não é asylo, não é nada senão um chiquiro. E toma elle proprio a resolução de ir pessoalmente solicitar de tres capitalistas a csmola de uma habitação para as pobres criancinhas...

Junto aos dos meus collegas de toda a imprensa, os meus sinceros applauses ao Sr. Ferreira Vianna.

A instrucção publica merece do actual ministro do imperio toda a sua attenção e todo o seu cuidado.

Não se trata apenas de reformar o ensino secundario e o superior; antes destes e como ponto de partida para elles, está o ensino primario. Nos enermes palacetes construidos nesta corte, a gente tem ás vezes occasião de reconhecer quanto são descuidados, entre nós, os assumptos de instrucção primaria. E' assim que, numa escola publica em que perfeitamente poderiam começar a ler e a escrever duzentas ou tresentas crianças, apenas trinta ou quarenta a frequentam com assiduidade. Não haverá meninos que precisem estudar? Ha, e em avultado numero; mas, ou por incuria dos pais, ou por outro motivo qualquer, esses meninos andam de preferencia a garotar pelas ruas, mettem-se com individuos de máo comportamento que os iniciam nos vicios, e as escolas ficam vastias.

O nobre ministro do imperio tornar-se-hia digno da mais sincera admiração se, como lei, estabelecesse a obrigatoriedade do ensino primario.

E já que me dirijo ao ministro do imperio, e que fallo em instrucção: é mister que não fique impune o facto denunciado por um dos nossos diarios. Na Parahyba do Sul ha um professor que leva tão longe a sua vontade de incutir nos alumnos as lições que lhes dá que, si um destes desgraçados não as leva sabidinhas na ponta da lingua elle os flagella collocando-os de quatro pés e cavalgando-os. Enorme cavalgadura que tu és, oh! mestre de uma figa! Si tu obriggs os teus martyres—alumnos de tal mestre são martyres—, si tu os obrigas a ficarem de quatro deverias pelo valor duplo que a respeito delles representas, ficar de oito. E deviam cavalgar-te todos elles, munidos de esporas e de grossos rsbanques, para, vingarem as torturas que lhes inflinges.

O ministro do imperio, de certo ha de lembrar-se de recompensar este professor, para o qual faltam requisitos indispensaveis á sua profissão: prudencia, bondades e educação. Com semelhante mestre, quo se pode esperar dos meninos da Parahyba do Sul?

Vem por ali, sem duvida, pensando que assim á guisa de bestas, podem levar os homens...

Hoje é o anniversario da libertação do Ceará, a primeira provincia brasileira que se expurgou dessa chaga hedionda, que lhe corroia os tecidos: a escravidão. Foi um exemplo nobilissimo dado pela terra de Alencar ás outras provincias brasileiras, que, honra lhos seja, vão acompanhando-a de perto.

Os Cearenses ufanam-se de ter sido os primeiros a levar avante a idôa da liberdade, e essa honra lhes cabe, effectivamente.

A *Semana*, cujos proprietarios são do Ceará, apresenta-se hoje toda risonha e contente.

Felicito-a, felicitando todos os Cearenses e felicitando os seus proprietarios.

CÉVE

CORO DAS ESPHERAS

(Fragmento do poema A Vida)

Os seculos, os dias
Vão rolando, rolando...

Das nebulosas manam harmonias
Que em astros novos vão se condensando.

Somos mil, somos uma
Num infinito só;
Pois da Materia universal, em summa,
Cada planeta é um atomo de pó.

E a fracção não destroe a,
Nós paramos fecundos,
A grande Vida universal que boia
Na ondulação harmonica dos mundos.

Aniquilam-se as éras...
Extingue-se uma luz...
Juntam-se numa esfera, outras esferas
Pela lei attractiva, que as seduz.

Das entranhas da Morte
Surgem vitas palpites,
E todas vamos ter a mesma sorte
No incorruptivel ether sem limites.

A Força nos anima
A conquista, a que vamos...
Atravez da estellifera campina
Os grandes astros de Hercules buscamos...

E para além... quem sabe,
Quem sabe si não ha
Um mundo novo, que não mais acabe,
Onde os sóes brilhem como brilham cá?

E vamos na corroute
Da etherea evolução
Vogando, morte e vida juntamente,
Pólos eternos da Transformação...

AUGUSTO DE LIMA

FORÇA VELHA

(Conclusão)

O estrupido de uma galopada sécca, como exa terreno balofo, chamou a attenção do Guedes para o lado da estrada que ia ter a villa. Na volta, havia uma foiceira de muricyes, aonde terminava um pequeno aréal, que contrastava com o terreno barrunto e umbroso em

que estava situado o rancho. O cavalleiro emergio desse aréal de subito, e o quadrupode, nitrido, ospumante, atacou o barro, equipando forte, elegante, encapotado, a espirrar, cheio desse brio e ardor, que distingue o cavallo de raça ingleza aclimado nos tropicos.

— Pelo bater dos cascos não é senão o caboclo.

— E o mais é que o advogado entende de redea!

— O cavallo, com os seiscentos, é que sim... Aquillo dá até em mão de mamão-eva. Não sabe você quem foi o dono do animal? Não será o que seu Chico Brazil comprou ao patrão da casa ingleza? É por signal que o desgraçado do caboclo o desfeitou...

— Mas que lombrança! O dia-o me parece mesmo castrado! ponderou o estafeta.

Um minuto decorrido, e o cavalleiro quasi em cima delles! Trauspondo o terreiro, como um raio, souu modificar a marcha, o Chico Brazil fez objectivo sobre os dois preopinantes, e, atirando-se de corpo a ré, com as redeas fortemente presas, riscou quasi sobre os pés do cargueiro. O rosillo, sustado repentinamente no impeto, meteu as patas dianteiras a frente, e deixando cair as ancas em sentido inverso raspolu a terra em meia braça.

O cavalleiro corrigio logo a posição do brioso animal, e solando o freio comprimintou a boa companhia. A Salustina, que já o espreitava da janella, sorriu, fazendo um momo de femea que presente a aproximação da febre lubrica. Os olhos brilharam-lhe como se tivessem sido feridos pelo primeiro raio da madrugada, e já o seio ancioso movimentava-se para dizer alguma inconveniencia, quando veio a reflexão e a onda sentimental refiuo para o lado da cabeça. Zuniram-lhe os ouvidos e as faces ficaram enrubecidas como o fructo da pitanga. A pbrase, que ia se esboçando candidamente, envagiuon-se toda nos refohos do coração. Se não fosse aquelle malvado paralytico!

— Ao advogado não passou despercebido o movimento; e duas palavras de cortozia bastaram para fazer aquelle organismo hybrido entrar em si.

— Salustina, você precisa ter juizo.
— Ora, já se vio que homem, meus peccados! arrulhou a rapariga, embicando-se.

O Guedes piscou o olho para o outro. O Chico, então, agoitando as botas russianas, encostou o rosillo á calçada, erguen-se um pouco sobre os estribos para refrescar a sella, e depois apoiando-se sobre a direita, com o corpo encolhido para o lado da Salú, poz-se a olhar com uma curiosidade petulante do homem traquejado na bohemia sertaneja. Os seus quaranta não lhe tinbam tirado ainda nem o espirito, nem o entusiasmo pelo eterno feminino. O Miguel resomnava apezar de tudo. O moleque, por seu lado, sentindo o estrepido do cavallo chegara ao cercado e debruçara-se sobre uma corda de sipós numa attitude de satyro donegrado, a fazer caretas.

O Chico Brazil, vendo-o, percebeu logo qual a sua procedencia.

— O rapaz, disse elle, que diabo estás fazendo ali. Olha!

— E mostrou-lhe o chicotinho. O garoto galgou a cêrca, e dando uma cambalhota, um assomo de gaitismo infrene veio collocar-se em frente do cavalleiro a gingar como um verdadeiro faquista pernambucano que era.

— Olhe seu matuto; que eu sou da

praia. Não venho da cosinha; e se me faz lambança, já lhe prego á mão na testa, e esta lingua na barrigo.

A lingua era uma quicé que o patife trazia ao quarto para descascar laranjas.

O Chico Brazil rio-se muito da piberia, e impinando o cavallo, negaceou uma investida sobre elle. O moleque, ameaçado por este modo, trepou-se como um gato pelo tronco da cajazeira.

— Desce, diabo. Que bem mostras que teu senhor ainda não perdeu o cheiro de estudante.

E dirigindo-se para o Guedes.

— A que boras cbeга a gente?

— Não podiam tardar muito, e elle ia partir.

A Salustina interrompeu o advogado, convidando-o para entrar. Mais do que disto estava elle desejoso. Apoiou-se; e dando a redea do rosillo ao moleque, entrou para a casa do rancho, mefo tropego, estafado, com a goola a arder da sôde que lhe provocara a soalheira.

ARARIPE JUNIOR

SUICIDIO

(A LEOPOLDO CABRAL)

Era um sacario aquella alcova rica,
De perolas, de rosa atapetada:
Era um céo resumido e ella a virgem
Dos bomens adorada.

N'aquella frente o raio da esperanza
Nunca, nunca obumbrado um dia fóra.
Mas o prazer nem sempre delicia,
Nem sempre a vida doira.

Um dia entrei na alcova rica, espléndida
Mui semelhante a dé uma Oriental:
Que vi? Senhor! Meus Deus! Seria
Que sonho?

— Um corpo e um punhal.

CYPRIANO DE MIRANDA.

NA SERRA

(Conclusão)

Um vento monotono fazia gemer brandamente a floresta, em quanto o estalo vibrante da araponga, como uma bigorna perdida, o assobio agudo, impertinente das cigarras, o canto vago das aves na matta, o grito dos macacos pelos talhados, fazião uma aclamação ao sol na sua abrasadora magestade. Menos fatigados continuarão a ascensão.

De quando em vez obscurecia-se o céo o uma sombra refrascava a montanha. As nuvens invernosas se agglomeravão e as sombras repassavão mais de entuviada. Ao longe o azul e o sol desaparecião por detraz dos vapores que se accumulavão; e a matta foi se imundecendo como ultimo concerto de uma festa.

Dentro em pouco a calmaria envolveu tudo. Calmaria podre, como se diz no mar. As aves caçarão-se. Os urubus voavão a alturas prodigiosas, como pequenos poutos negros no sitim fascinante do céo.

Por vezes um passaro desgarrado passava e ia esconder-se na espessura. As arvores immoveis como quo sustinhão á respiração para escutar.

No entanto o céo placido deixava arastarem-se os vapores, que envadiam o horizonte como um baudo de brancos mastodontes.

Um calor terrivel, um calor de abafar levantou-se da terra.

Então um ruido surdo e vago approximou-se em rapido crescendo; o em breve as arvores se torcião e as folhas seccas levantavão-se ua aza do vento.

A borrasca mandava o seu primeiro sopro atravez da matta que se movia e voltava a immobilidade a proporção que elle passava como um grito de alarma. Os sopros repetirão-se. Em pouco refrescou o vento o o rumor indefinivel da floresta ergueu-se como uma aclamação.

Essa bafagem fresca tirou o velho ás suas distrações. Lançou em roda o olhar exclamando o apprehensivo, veixado:

— Jesus! Temos chuva, muita chuva! Depressa meninos! meninos! Vamos! Si soubessem que cão terrivel é o mou rheumatismo! Tem horror á chuva... Com a brécal Quem me obrigou a molhar-mo assim! Não fazia mal a ninguém ficando em minha casa. Vamos! Vamos! Si o maldito aguaceiro apanha-me estou fresco, arranjadinho! E o velho esquecia-se de tudo para só lembrar-se do seu mal.

Preferia rebentar por aquellas laideiras a baixo, a ser apanhado pela borrasca!

Bertha appproximou o seu cavallo do pae, e affagou o braço do velho com a mãozinha carinhosa e enluvada.

Rogério ficou bumilde, feliz aquelle doce contacto do seu bom anjo.

— Mas veja... disse elle estendendo o braço para os pinaros que a chuva já attingia.

Elle tinha razão. Era preciso voar para cbegar antes da tempestade.

Para o lado do nascente uma massa compacta de vapores bronzada arastava-se pesadamente, velando os cabeços num capuz acinentado, e pondo na serrania proxima os tons de azul carregado.

A chuva caminhava estendendo-se pelas lombadas, como um reposteiro que se vae pouco a pouco desfranzindo.

Rogério incitava o pobre animal para fazel-o transportar as laideiras como um cabrito. O velho tirava do médo uma grande energia, a que não correspondia a natural paciência da cavalgadura muito menos rapida do quo a borrasca que lá caminhava no céo.

Era inutil qualquer esforço, porque as primeiras gottas raras e densas cabião já fazendo levantar se um odor de argila, e chiar as folhas seccas.

Abateu-se vigorosamente o aguaceiro. Num momento tudo ficou alagado inundado.

Bertha ria-se perdidamente; sentia-se accessa com aquelles bramidos das cousas mortas.

Era effectivamente grandioso o espectáculo d'aquella chuva na serra.

O vento, que passava rugindo pelas

quebradas a fóra, vergava, contorcía' derrubava as arvores que tinham aspecto do epilepticca. As aguas arrastadas pela impetuosidade do deslize, abriam fundos sulcos que se tornavam regatos.

As pedras daslocavão-se e roinvão pelos despenhadeiros como um espir endemoniado. Os caminhos alagados repercutiam a pancada das patas dos cavallos, galloppando com o, pescoço estendido e a cabeça inclinada para o chão.

A montanha, coberta de vapores, fazia o céu e a terra confundidos...

LAHORE

EM PASSEIO

Armando e Leonor, nos doces laços Que tece o «Sim» que ns almas enamora, Numa tarde de abril deram se os braços E foram juncos pela estrada em fóra...

Armando vai dizendo-lhe que faça Com que elle goze mais de seu amor, Que todo o encanto seu, que toda a graça Lhe seja o doce noctar de uma flor.

Ella desprends a harmoniosa falla Ediz-lhe presa em tremulo recato : Faz mal aquelle que seua males cala... E tu, Armando és simplesmente ingrato

Juras de amor eterno, immenso, ardente Soguem-se após em magicos idyllios ; Salta-lhes d'alma o riso traasparente Como de estrellas esplendorosos brilhos.

Havis em tudo um msumurio brando Naquelle doce e divinal ensejo...

Quer fosse um beijo dado por Armando Quer fosse a moça quem lhe desse o beijo

E ella presa de um subtil resabio Via-se então n'um mude paraíso... Treme-lhe o riso quando sao do labio, Treme-lhe o labio quando solta o riso.

Acham-se sempre á hora costumada No ponto em que revellam seus desejos... Trocam beijos lembrando-se da estrada E a estrada está lhes recordando os beijos!

1887, Abril.

OSORIO DUQUE ESTRADA

ROMANCITE

Auda aqui um alvorogo litterario que se exprimirá em inumeros romances.

Digo innumeros, porque já passam de viute os annunciados na roda em que todos mais ou menos se conhecem. E é preciso crer que mesmo fóra da roda, tambem ha quem pense e tenha ardores e tenha juventude ociosa; tanto que, spezar das deseryões e das promções frequentes, os claros das fileiras dos litteratos militantes são sempre preenchidos. São os irregulares que vem adxtrar-se sob a disciplina dos veteranos e aprender a manobra sob as vistas dos chefes, que galardoam

e punem. Como para a admisión agora é exigido pelo menos um romance, muito romance deve estar em fabricação para as proxims matriculas.

Não façmos caso d'essas primeiras provas condicionaes, que são como as theses de doutorando, raramente honrosas para os candidatos. O trabalho dos que já tem galões e honras é bastante significativo como caso de estudo para quem aualysa enthusiasmos friamente.

Nós tambem temos como as nações civilizadas poetas que fazem versos e poetas que fazem prosa. Em pequeno numero, é certo; mas temos. Somente entre nós á variedade maior cabe aos versejadores. São elles os capazes de fazer poemas em um verso—pasmosos! e poemas em tres mil — illegiveis... Os prosadores, não. Sonham com um Charpentier fluminense que os infleire a todos em volumes de trezentas paginas sob a monotonia das capas amarellas, a la moda de Paris.

Esta concretisação uniforme da aspiração poetica, que teris de ser variadissima, se independente fosse e não disciplinada, é um signal caracteristico dos tempos. Já houve tempo em que á mocidade heroica se expandia em golpes de espada e cantos de amor. Havia a monotonia da animalidade dominante. A exuberancia da aeiwa juvenil tinha os seus escoamentos naturaes. E, purgado o animal dos seus elementos explosivos, restava o homem capaz. Seria esse então o poeta, o Dante, o Camões ou o Cervantes — a reflexão apoz a acção.

A incapacidade para a acção atira-nos para a contemplação. E o invalido idealisa as batalhas em que entrou. Mas que batalhas pode contar quem nasceu invalido? Que amores pode cantar quem se consome impotente? A vida corre-lhe silenciosa e apathica, lugubrememente. Em outros, porem, a seiva vital transformada em purnlencia desabrocha em romances, que são como a florescencia da sanie. Dá-se então um facto que se estudará na historia litteraria depois de estudado na pathologia cerebral—a morbidez particular, individual, toma a feição geral, dominante e affecta a forma epidemica.

Reina sgora, gravissima, a romancite devastadora.

31 de Março.

DOMICIO DA GAMA

UM OPTIMISTA

Bem fazia Epicuro oxplicando o mundo pelo acaso. Pois não é que um dia desaparou-se-me o antipoda do personagem que eu tive a subida honra de executar em meu ultimo artigo?

A verdade é que Santoca era tão optimista quão pessimista fóra Macedo. Alma grande e coração vasto. Um bon vivant, lá isso era.

Aquella face unctuosa, jocunda e expansiva á prova de fogo, era um attentado solemne ao louvavel intuito de todas as sociedades de temperança existentes e por existir. Aquelle tronco oleoso e nédio, pacatamente especado

com duas fortes manivelas ds animal bipede, era um poderoso cordão sanitario contra a respeitavel invasão de uma carga de ossos.

Ah! decididamente Santoca descobrira a polvora no genero bemaventuranga! Era homem para o que desse e viesse.

Atravessara uma longa, penosa e honrada existencia de trinta bons janeiros nadando sempre em gordura e em mar de rosas. Era aquillo que se via. Evidentemente esse sujeito chorra na barriga materna. Era dar um passo e esborrachar o nariz em algum poço de felicidade.

Mas um bello dis n desgraça entrou-lhe seriamente de casa, a dentro. Um caixa d'agua pespegou-lhe um gofanhoto. Era o palpito, amanhã andaria a roda. Preço da casa. Um ovo por um real! O nosso homem puxou a pellega, escarrou e cuspiu como convinha a um excellente burguez, pagou ao toma-larguras e foi rodando. No dia seguinte, metta-se em sorte grande!... E, por signal, teve de fugir a uma imponente manifestação a oleo projectada e promovida por seus numerosos amigos e admiradores.

Era por essas e outras que o desalmado so avezara ao notavol descaramento de ver tudo doirado, como o icterico vé tudo amarello. As cousas lhe corriam ás mil maravilhas. Não alitava no cerebro nenhuma legião de sepi-rações; em materia de utopias não possuia de louça um caco; rosuavam até que elle não sabia que tinha o nariz na cara; mas tudo isso era positivamente falso. A morfina do bon senso injectava-lhe organicamente toda a massa do sangue e todo o tecido adiposo.

Se fosse philosopho, seria Leibnitz, fundaria o systema do optimismo absoluto; e se fosse poeta, seria Pope, para cantal-o; mas por felicidade só era meio philosopho e meio poeta. Disso, porem, é que não o tiravam, nem á mão de Deus Padre. O seu philosophismo era como o sal, não apodrecia nunca. Para doirar uma pilula, para ferrar uma maxima substancial á esclarecida sttenção do proximo, para rolar o Corcovado a golpes de palavras, se preciso fosse, alli estava elle, o Santoca, imperterrito, impavido. Nem mesmo perguntaria quem estava de guarda. Ver para crer.

Mas a sua parlapatice de homem de barriga cheia só subia á invejavel altura de uma congestão cerebral quando o acaso lhe deparava um pessimista, um lamuriendo.

— Ora adeus, viola! Pois tu não vés, filho! E' preciso que haja dor para que haja prazer, fome para que haja appetite e sede para que haja secura! Oh homem! Nem o padre santo!...

E era um pratinho delicioso vel-o então discorrer a trote largo sobre a divina providencia, sobre a harmonia do universo e sobre quanta pomada tem felizmente apodrecido nos alforjes de todos os honrados moralistas deste bello mundo sublinar.

Em sua humilde e obscura opinião tinha um alto e justo sicance esta significativa e feliz expressão—habitar o mundo da lua. Que admirassemos bem a belleza da mulher, a grandoeza do homem, o perfume das flores, o azul turqueza do firmamento, a vastidão do oceano, o roseo perola das nuvens, e não sei que mais, até vir desembocar no doce remanso da familia e na paz armada da sociedade. E terminava sempre e invariavelmente por esta ma-

caçada e estolida cantiga: Dizia Danton audacia e msis audacia! mas digo eu, amor e msis amor!

Em summa, e para concluir, accrescentarei sómente quo esse bemaventurado votava á existencia o mesmo odio profundo e instinctivo que o rato se digna de consagrar ao queijo.

CANDIDO JUCA

Soneto Mythologico

A. J. MORAES SILVA

Proximo, o lago em que so lança a fonte Onde Canaco a frauta rude escuta, Que lhe diz que o irmão de meiga fronte P'auco vencerá na porfiada luta.

Propicia é a Noite cujo manto enluta De Flora o reino todo—o bosque, o monte. Fóra, a campina, o intermimo horizonte. Deutro, o mysterio na encantada gruta.

O Segredo a espreitar. A sussurrante Aza passa de Amor. No petreo solo De musgo o leite e hera verdejante.

E enquanto fóra os ventos solta Eólo Lá dentro o filho, tremulo, arquejante, Beija da irmã o incestuoso cóllo.

Das Helenicas.

EMILIO DE MENEZES

SIRYNX-O IDEAL

(A PEQUENINA CORDELLA MURAT)

Na terra do myrtho verde e dos lanranjes doirados por ums madrugada festival e fresca, o capripede Pan, deus dos pastores, o primeiro que soprou na avena—o pae dos madrigaes viu entre os juncos, a formosa Sirynx.

Viu-a e não teve mais o coração calado.

Entrou a suspirar e a perseguil-a, gemendo noite e dia e procurando deter a linda moça fugitiva.

Faunus, vendo-o a chorar, riu do seu choro e os egyptans e os satyros capripinos seguiram os passos do cornuto amante por entre as moutas de loureiros.

Debalde Pan, o pobre Pan chamava. Debalde Pan, o pobre Pan gemia.

A moça, conhecedora de todos os mandros, fugia-lhe dos passos.

Só as lamadryadas e as oreadas dos montes sahiram em soccorro do namorado triste—mas, de subito, a formosa fugitiva, desfeita em lagrimas, quando ia a ser raptada, transformou-se em canigo gemente e sussurrante.

Auras que voavam repetiram o deradeiro suspiro de Sirynx.

Pan, desconsolado, fez uma flauta do canigo verde e sahiu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amor.

O poeta é como Pan—o namorado vive a seguir um sonho e a perseguil-o.

Perde noites e dias vagrando Nunca se cança de chamal-o... nunca! Um dia emfim, quando pensa tel-o, esbarre com o lurido juncal do desengano.

O poeta faz d'essa illusão finsda um motivo de cnto e de poema—s, como o deua caprino nunca mais abandona, deliciando a todos com a sua magua rythmada, com a sua lagrima triste posta em musica.

E como Pan, sae pelos bosques, entre os cyparisos, dizendo a todos a sua deixa saudosa do seu amor perdido.

COELHO NETTO

LONGE DA VIDA

Dá-me teu braço, vamo-nos. Calcula
Quanto odio ha aqui, como é pequena a vida!
Dá-mo teu braço, vamo-nos, querida,
Aonde apenas o céu e o mar se azulava.

Lá naquella soidão vácuca e comprida,
Em que os Euros, bramando, Eólo açula,
E ha o pego, a tromba, o vento, o rato, a gula
Dos requins pela noite indefinida,

Lá, minha pomba candida, de certo
Mais segura estarás e eu mais seguro
Que entre essas feras que nos uivam perto;

Feras nossas irmãs, mais verdadeiras
Que as proprias feras, que o leão mais duro,
Mais trahidoras, mais vis, mais carniceiras.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

PELA NOUTE

Ao certo não sei mais o tempo que esta casa habito. Os dias e os mezes fagiram, enovelados numa bruma enfumada e triste, lá para muito longe, onde a lembrança não alcança mais. Depois... quem pôde lá contar os dias, que vive? Quem sabe lá quando é que vive, si se anda sempre a deifnar aos poucos, quasi insensivelmente, roído o coração, como um verme doloroso, por essa triste e silenciosa Dór sagrada?... Depois... a vida é o gozo e gozar é esquecer tudo, desde a hora e da luz até a propria vibração prolongada do prazer. Depois... si o prazer ententece, a alegria escondo no seio a ampulheta da hora, os longos dias mornos em que soluça dentro em nós o triste coração, já não são dias porque já não ha luz esparsa no largo azul siderico e tudo em nós descamba para a immensa noite lugubre da Sombra. Noute nua de estrelas, sem murmúrios, sem susurros, sem ventos, onde mal se escuta a lúgubra voz extincta da triste dor que nos esmaga.

E voltando para o céu o vago olhar errante, tudo é noute emcima, embaixo e em torno, e nem uma luz de estrella nos fala accessa da vida e da hora do padecer sombrio.

E hei de eu saber ha quanto tempo habito esta morada antiga!...

O que eu apenas sei, porque ainda vejo, é que ntravés da noute que se estende lá fóra, triste como um lamento, apparece-me illuminada uma pequena janella fronteira. Ha quanto tempo eu a vejo assim, aberta, illuminada e silenciosa, como um olho acceso no meio da sombra?

Ali dentro, penso bem commigo mesmo, á chamma vermelhaça daquella luz, alguém trabalha a longas noutes, como um boi de charrua, pertinaz, pela noute a dentro, duraute o tempo em que tudo repousa, no silencio mudo, prescrutando um segredo, cavando um abysmo, tecendo um trapo negro ou um *crachat* de luz para manchar com ello a consciencia.

A's vezes, quando a noute é mais densa, quando ha sussurro na ramaria, gémidos, de troncos que lascam, pios

soltos na sombra, rufar de azas negras fugitivas as minhas conjecturas e atristam e penso e creio é juro a mim mesmo que ha ali alguém que soffre, pallidamente, como um cadaver, estirado entre a roupagem branca de um leito onde o vulto já cavou as fornas. E creio que seja uma mulher.

Porque? Sei lá eu accessa porque creio nisto? Sei por ventura si creio? Sei si penso? Sei si vivo e si soffro?

Entretanto toda a noute, mesmo da caadoira em que trabalho o meu olhar se volta para o clarão daquella janella, coado através d'uma ramaria afastada, encurvada e alta, parecoudo de longe um olho luminoso acceso no meio da sombra, olhando a grande escuridão do céu impassível.

Mas hontem... quasi que posso afirmar que foi hontem, pouco depois da meia noute... Na grande noute da minha dór, como num relógio antigo, bronzeo e funereo, soam-mo dentro do coração as longas horas espaçadas da Magua Impiedosa.

Pouco depois da meia-noute... Hora immensa, hora tristissima, minha tremenda hora lugubre!... Foi... lembro-me agora ainda... Voltei o olhar para a janella illuminada, e ali, onde nunca passou uma sombra reveladora, como a sua silucta colossal, levantou-se desenhado na parede, como que um braço tremendo numa attitude vingadora. Esperei, anciado, com o olhar fixo, penetrante, angustiadamente, como quem espera o tiro de uma arma que lhe apontam ao coração.

O braço de gigante desceu. Só sei delle a sombra, a sombra apenas... Desceu como um raio... Depois subiu de novo. Alguma cousa subiu com elle em luta. Luta crua, que se desenhava na sombra. Pareceram-me braços agitados, contorcidos, recripados, e uma enorme cabeça desgrenhada com uma expressão de um desespero supplice, infinito. A sombra apenas... Tudo aquillo, disforme e colossal, brncejou e se sacudiu no espaço. De repente desceu tudo, cahiu, sumiu se e nada mais manchou sobre a parede a sua silhueta sinistra.

E muito pouco tempo depois alguma cousa de espectral, de extraordinario, como que uma sombra esguia e longa, alguma cousa de ethereo, de adejante e

triste debruçou-se longamente da janella illuminada e sahio voando pelo meio da noute, a immensa, a tristonha noute muda.

E nada mais do que isto. Em vão o olhar parado, destumbrado e ardente, o olhar que tem sede, devassa a sombra e interroga a luz. A janella illuminada lá continua, luminosa e só, vigiando a sombra silenciosa. Nada mais perpassa. Nem vislumbre de cousa sobre o muro onde andavam as silhuetas lutadoras.

E o olhar ardente espóra.

Apenas, no negror da treva passam azas rufando...

Creio... mas eu nem sei si creio. Parece-me vagamente que penso que todos devem ter uma janella illuminada no meio da noute. Devem ter a todos que tem a sua noute—de sombra impiedosa, de tremenda dor sagrada. O que não sei bem ainda é si todo o olhar descobre, através da ramaria recurvada e alta, contra a parede illuminada as mesmas sinistras sombras lutadoras...

Ah! mas para os miseraveis tristes como é lugubre e funda esta terrível sombra, esta medonha noute, com as suas visões espectraes, tremendas!...

EMANUEL KARNERO.

DOMADORES

Ha quem pasmie dos fortes domadores, cujo esforço valente e decidido — faz abaixar-se, pávido tranzido, dôrso de feras más, de olhos trnidôres.

E, contudo, dominam-se os terrôres e impõe seu jugo o braço destemido com qualquer ferro em braza enrubescido, e artificios banaes e engana lóres.

Outros ha, todavia, mais valentes que a populaca rude não conhece. São os que domam, vultos imponentes,

esta fera: — a *Palavra*, que carece para acalmar seus impetos insanos — seiva e sangue de cerebros humanos

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

ROMANCE DE UM RAPAZ

A ILLUSTRE POETISA D. REVOCATA DE MELLO

O Americo partia para o sul em busca de um lugar onde melhor se ganhasse a vida e se garantisse o futuro.

Deixava o sitio onde nascera e medrara feliz, porque os paes estavam velhos, cançados, «com os pés para a côva», e elle precisava ajudal-os e casar-se, como promettera á «cachôpa».

E de sacco ás costas, o seu lenço encarnado de chita entrouxando a roupa engommada, preso na mão pelas pontas em nós, elle botou-se a caminho da cidade, para tomar o primeiro vapor que passasse, sob o esplendor meridional de uma clara madrugada azul, em que os passaros trinavam festivamente pela pradaria aromatisada e colorida, e pelos laranjaes floridos, que lembram noivado e exhalam halitos de amores, marginando as brancas estradas risonhas.

A mãe, antes delle partir, abraçada,

pendurada ao seu grosso pescoço queimado pelo sol na capinação das culturas, depois de lhe beijar as faces cheias e amorenadas, sujas da primeira seda escura e rareada da barba nascentes disse-lhe commovida, engasgada psios soluços: — Deus te nbengôs e te faça um homem, filho! e a Leopoldina, que estivera na vespera em sua casa até tarde, e que lhe dera, ao despedir-se, uma tranca lha lusenta e mim sa do seu cabelo escuro e ondeado, cheio de crespinho esvoaçantes na nuca, fez-lhe tambem uma recommendação ingenua: —pedio-lhe «que se lembrasso della e que escrevesso».

E lá foi o Americo installar-se no paquete, triste e saudoso de todos aquellas suavidades que floavam atraz, na sua terra, e a que havia voltado as costas tão precipitadamente, só pela necessidade de indireitar a vida, de tornar-a outra.

E, muitas vezes, acossado pela nostalgia pujante e fignantissima que accommette os que deixam o ninho pela primeira vez, desandou a chorar rijamente, soluçadamente, entalado, por cauza dos grandes balanços do mar alto, na estreiteza de um sujo beliche de 3ª classe,

Mas, um dia depois, o Americo, já familiarisado abordo, conversava, sorria, na alegria e na grande esperança dos que rolam para um destino novo.

E, cbegado ao Rio-Grande, tratou logo de empregar-se e de «fazer-se um homem» como lhe dissora na mãe.

A principio escrevia cartas para a familia e recobria desta garranchos medonhos, de uma calligraphia impossivel. Mas sabia noticias, andava ao facto das couzas. De repente tudo cessou; houve um longo silencio e somente muitos mezes depois chegou-lhe uma carta, noticiando-lhe a morte dos paes, e, em seguida, da noiva; uma desgraça!

Tove uma grande amargura; mas não podia «arredar pé», sahir; perderia tudo. Resignou-se a ficar, soffrer.

Entretanto, os negocios prosperavam e no fim de alguns annos voltou para a terra, triste com a perda dos seus, mas impellido pelo desejo de tornar a vér, nos objectos e nas pessoas, o seu passado, os seus conhecimentos antigos.

Mas, logo ao desembarcar, o Alexandre da Praia, que andava botando as rédas, correu-lhe ao encontro, e ferozmente torturou-o com interminaveis detalhes do tristissimo viver da familia necessitada e doente, desde o dia da sua partida até o momento em que «Deus serviu-se chamal-os para si».

A Leopoldina, pobresinha! que tantas esperanças tinha nelle, estava debaixo da terra. Morrera das bexigas; já lá iam bastantes annos. E accentuava: parecia que a estava a ver: fria, toda negra, envolta em folhas de bañaneira e amortalhada n'um lençol, deitando mão asco. Foi por uma noite enluadara e fria de Agosto...

O Americo, esmagado por essas ideias pungentes, funerarias, seguia agora do cabeça baixa, o carro de bois que levava as bagagens, um verdadeiro carro de bois tradicional, vagaroso e chiante, que dois bois arrastavam, bando-se, enterrados na areia fina do caminho. Tomou em direcção á freguezia, em busca de uma casa conhecida ou de algum parente, para hospedar-se por aquelles dias.

Logo adiante, porem, agarrou-o a Fortunata Pereira, uma velha parenta afastada, que o conduziu para casa

onde lhe deu café e agasalho n'uma saleta vazia, fazendo muitas perguntas arrumando a bagagem e dizendo « que em nada a incomodava, que a caea era grande e tinha até lisonja nisso. Pois ei ella o tinha visto em fraldinhas, mãe de Deus!»

O Americo, segundo o uso, forrou-se então de lucto, e, n'algumas tardees, ao desfallecimento lento do sol no occaso, subia a ladeira vermelha e pedregosa que ia ter a egrejinha do sitio, para lançar um olhar de angustia e de saudade ao logar onde estavam os seus, ao estreito e humilde cemiterio, verde e florido como um jardim.

E, de pé, sobre o adro gramoso onde se erguia uma grande cruz de madeira preta, doitando um olhar amplo e vago ao redor da paisagem, sentia invadir-lhe o coração, n'uma revolta mansíssima e piedosa, lembranças vivas e luminosas de um outro tempo alegre, fugidio e cantante.

Recordava-se de tudo, das menores cousas que vira em menino; e agora estava elle, n'li, tão só, abandonado, n'uma desolação.

O contraste brutal das situações feria-o pungitivamente.

E, sob essas dolorosíssimas recordações, pensativo e melancólico, cabisbaixo, descia do adro da igreja, vagaroso e soturno, recolhido, como quem pensa na profundidade, no mysterio das cousas.

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

O GRUMETE NOGUEIRA

II

Quando Zé Boi chegou á rua de D. Manoel duas praças de policia interceptaram-lhe a passagem, cruzando os sabres, com grandes ares de valentia.

Zé Boi deu um salto para traz e descahindo o corpo encostou-se prudentemente á esquina.

— Deixa de massada, gente!

Então qu'è isso? Vocês não me conhecem.

Um dos soldados ndiantou-se e, olhando Zé Boi em face, perguntou:

— Quem é você?

— Eu? Zé Boi, compadre.

Nagôa velho, cabra da *massaranduba*... negro direito no canga-pé bahiano. Deixa de *mollaza*, moço... Abre a *linha*. Eu venho para defender a estação...

— De onde vem você?

— D'onde é qu'eu venho? Hom'essa!

D'onde vem você? Homem deixa de *lambanga*, rapaz. E foi atravessando sem importar-se com os dois estafermos que, de chanfalbo em punho, olhavam-n'o medrosamente.

Zé Boi para anunciar-se começou a assobiar e quando enfrentou com a sentinella da 5ª estação fez a continencia militar e disse, para ser ouvido por todos os soldados que se amontoavam á porta:

— *Secreta!*

— Passe! — disse a sentinella afastando-se. Zé Boi entrou, sempre com o seu passo quebrado e os braços bambos, vagaroso, pisando forte com atrevimento.

Atravessou o corpo da guarda e parou á porta da sala de audiencia.

Poz o cigarro fóra, e levando a mão

ao chapéu, falou com a sua voz de touro:

— Dá licença seu tenente.

— Entre! — disseram de dentro.

Zé Boi entrou, com o chapéu na mão e a navalha empalmada.

— Boa noite!

— Boa noite — respondeu o tenente

que fumava, refestelado commodamente em um canapé, com as pernas cruzadas.

Ao lado do canapé havia uma cadeira e em cima della a espada desembainhada, um par de revolvers e uma garrafa de cognac.

O tenente, rapaz de 30 a 32 annos, voltou-se para Zé Boi e olhando-o de frente perguntou:

— Vens para o serviço da estação?

— Sim, senhor... Eu tenho um bilhete para V. S. — e entregou-lhe um cartão.

Depois de ler a apresentação o official voltou-se de novo para o capoeira.

— Estás armado?

— Da Silva.

— Teus revolver...

— Não, senhor... é a *boneca*.

— Isso não serve. Toma um revolver.

— Qual, seu tenente... eu não me entendo com arma de fogo. Isso e que é. E deixou ver a navalha na palma da mão.

— Mas... toma cuidado! Os marinheiros estão dispostos.

— Eu não conto com marinheiro, seu tenente:

— Senta-te!

Zé Boi sentou-se e, depois de uma pausa perguntou interessado:

— Estes já vieram cá?

— Estiveram tres, ha pouco, ali na esquina. Mandeí dispersar.

— Isso não serve, seu tenente; se vosmecê estendesse, um os outros não voltavam...

Tome meu conselho, sen tenente: dá cabo de um damnado destes e verá que os outros apanham tal modo que nunca mais em dias de sua vida, se lembrarão de *inicias* com a policia. E' preciso acabar com a *prôa* dessa gente. Isso de tiro é uma historia, uma *saracura* é que é.

— Sim... mas a imprensa...

— Qual imprensa... Então que é que custa á gente mais uma *pontada*. Se nós fizéssemos com os outros o que se fez com o do *Corsario* a cousa mudava de cores.

— E' o que te parece.

— E' a razão... seu tenente. Pois elles tem o direito de dizer quanta cousa qu'orem, de passar *sarabanda* até no chefe e a gente ha de ficar na moita. Nada disso. A mim quem disser um desaforo, *engole*, do contrario eu faço caminhar de *pés juntos* para os *sete palmos*. Cá comigo é assim. Eu não tenho nada com os jornaes, seu tenente. Eu sou de quem me dá trabalho. Isso é que é...

— Sim, mas você não tem responsabilidades.

— Não tenho? Quem foi que disse semelhante cousa. Tanto tenho que já fui dar com os ossos na Correção... Eu é que não conto com ollas... Eu sei que a *chacara* não foi feita para os mosquitos. Ora! a gente alli passa melhor do que em outra qualquer parte. Eu cá, quando quero engordar, *risco* um handulho ou *trepo* na *synagoga* de algum portuguez. E' logo — vem a policia... se eu posso *desviar* faço umas *letras*, *quebro* o corpo e *azulo*... se não posso não faço caso. Entro p'ro chilin-

dró e depois *cambo* para a rua do Conde sem me dar por achado. E volto do lá gordo que nem um capado, eeu tenente.

A vida ncolá não é tão feio como se piuta.

— Onde estão os outros? perguntou o tenente.

— Elles sahiram na minha frente. Nós estavam todos juntos na Hospedaria da Lua, n'li no becco dos Ferreiros, quando ouvimos o *grillo*, juntamos o corpo e ganhamos o *campo*. Era uma *chamuscada* ali para os lados da rua 7. Causa de nada.

Elles, com certeza, ficaram lá pelos kiosques.

— E são bons?

— Ah! gente *onga!*

Vosmecê pôde estar descansado porque a rapaziada que vem é *direita*.

— Bem—mas eu quero que observem uma unica recommendação minha. Se vocês quiserem fazer alguma cousa tratem antes de espalhar o povo. Nada de arranjar embulhos. Isso de fazer as cousas á vista de todo o mundo é uma refinada asneira. O fazer não é nada, o saber é que é.

— Ah! é que hate o ponto, seu tenente. Comnigo não ha disso.

— E no mais...

— E' cada um fazer o que pudor... Eu cá entendo que— a morrer por morrer; morra meu pai que é mais velho. Não vé que eu podendo furar um *marreco* hei de deixar que elle me *destripe*. Isso não!

Nesse interim appareceu á porta da sala um permanente.

— Seu tenente!

— Que é?

— Elles ahi vem!

— Por onde?

— Pela rua da Misericordia!

— São muitos?

— Creio que sim...

— Vai dar o signal...

O permanente afastou-se. Immediatamente o tenente saltou do canapé e tomando de um revolver voltou-se para Zé Boi que se conservava impassivel:

— Não ha *nuvem*.

— Vamos esperal-oe...

— Estou prompto. E' só mandar sahir.

O tenente embainhou a espada e sahio da sala com Zé Boi.

Um troço de praças, no posto da guarda, reunia as armas espalhadas, outros punham á mão uma bateria de garrafas, perfiladas em uma das faces da sala, outros finalmente distribuiam revolvers peloe companheiros.

Zé Boi foi postar-se ao lado da sentinella para saltar logo que apparecessem os marinheiros — dois soldados seguiram para esquina para dar o grito de alarma mal apparecesse o bando.

Os moradores da visinhança batiam as portae, outros appareciam á janella curiosoes, de ver a luta entre os valentes homens do mar e a malta organizada.

Ouvia-se um tropel longinquo, vindo de um pelotão que se approximava em ordem, marchando como para uma batalha.

Zé Boi, saltou para o meio da rua e poz-se a passeiar com a navalha aberta a cabeça baixa meditando.

Subito os dois *ex detas* gritaram « ás armas ». Zé Boi foi o primeiro a avançar aos gritos de: Eh! lá! eh! lá depois os policiaes em magete, decombainhando os sabres, alguns de revolver em punho.

Levantou-se uma grita atroadora na rua da Misericordia. Todae as casas fecharam com estrepito. Ouviu-se uma detonação, outra e outra e um ruído medonho de combate.

Era o encontro.

KININGER

(Continúa.)

ESTRELLAS

AO DR. ALFREDO BERTHÉ

No alto oceano azul do firmamento Profundo, immenso, põe a noite estrelas Estrellas, como lépidas donzellas De um olhar todo luz, prazer, alento.

Flores do céu de estranho nascimento, Fulgentes como o sol, brilhantes; dellas Nenhuma igualará contudo aquellas Com que reveste Hugo seu pensamento.

Umás são meros globos que um acaso Encheu de luz e sumiram um dia, Qual some a essencia num aberto vaso;

E as outras são eternas è harmonia Igual ao brilho têm que o ouvido raso E a noute poem de limpida alegria.

S. João d'El-Rei.

AVELLAR BROTÈRO.

POETAS MINEIROS

VI

SILVESTRE DIAS

Pertence este poeta ao numero assás avultado daquelles que gozam ingrato esquecimento.

Até hoje ninguém mencionou ainda o nome de Silvestre Dias de Sá como o de um litterato de nomeada. No entanto, elle o foi: e seu renome é das hellas conquistas litterarias de Minas de outr'ora, da Minas colonial.

Em os fins do seculo XVIII, justamente na época em que os brasileiros mais trabalhavam no desbravamento de terrenos agricolas e mineracs, ns letras tomaram certo incremento o constituíram uma das phasees, brilhantes daquelle estado.

Na provincia de Minas, e particularmente na cidade de Ouro Preto, então Villa-Rica, os estudos litterarios eram preocupação geral.

Gonzaga, Claudio Manoel, Alvarenga Peixoto, presidiam ao movimento e lhe davam o enthusiasmo do seu saber e as primicias de seu talento. Formaram-se sociedades para os certamens poeticos. A' feição da *Arcadia*, fundada em Lisboa no anno de 1720, creon-se em Villa-Rica a *Arcadia Ultramarina*, a que pertenciam, além dos citados escriptores, o cougo Luiz Vieira da Silva, o Dr. Diogo Pereira de Vasconcellos, o padre Miguel Eugenio de Mascarenhas e tantos outros.

Foi desso fóco que sahiram as terri- veis *Cartas Chilenas*, assignadas por *Critillo*, esse ridiculo frio, de cuja dissecção não teve pouco que se queixar o patusco governador Luiz da Cunha. D'ahi nasceram os sublimes e sentimentaes versos de *Dirceu* á pastora *Marília*. D'ahi brotaram talentos *robustos*.

tos, afeiçãoaram-se ahi idéas as mais sympathicas no tocanto ás letras e á politica.

A nota predominante era— emancipar-se o Brazil da metropole portugueza, dando-se-lhe academias, governo democratico e outras medidas de muito alcance para a nova nacionalidade.

A fundação de sociedades litterarias dominava a todos. Os poetas liam em assembléa as suas produções e ahi mesmo faziam-se os comentarios criticos.

Após Villa-Rica foi S. João del-Rei o lugar onde se creou *arcadia*. Joaquim Norberto de Souza e Silva, tratando desse gremio, diz:— « Outro grupo de poetas figurava na comarca do Rio das Mortes, (1) presidido por Silvestre Dias de Sá, conhecido geralmente pelo *padre Silvestre da Paraopeba*. Entre elles distinguiram-se os irmãos Francisco e Domingos Vidal Barbosa, o padroeiro Mathias Alves de Oliveira, etc. » (2) Além destas outras *arcadias* existiram na provincia, mas todas de pequena duração.

O padre Silvestre Dias de Sá nasceu em 1784, na freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo. (3) A seu respeito diz ainda o mesmo ascriptor: « Vivia na freguezia da Piedade da Borda do Campo, o coronel de cavallaria auxiliar José Ayres Gomes, com casa de hospedagem para passageiros e armazem de viveres. Era casado com D. Maria Ignacia de Oliveira senhora de mui ricas prendas, irmã do padre Silvestre Dias de Sá, poeta humoristico, conhecido pelo *padre Silvestre da Paraopeba*, por ahi possuir uma fazenda, e do fazendeiro Manoel Dias de Sá. » (4)

Apezar de muito haver escripto, é hoje muito raro qualquer produção sua.

Esforçamo-nos para desencantear de livros vellos alguma poesia do padre Silvestre Dias, e nada conseguimos. Sómente pudemos saber que o conego Januario da Cunha Barboza incluiu uma sobre a fabula do *Morro do Ramos* em o seu excellente e tão fallado *Parناسo Brasileiro*.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

(1) A cidade de S. João del-Rei ainda pertence á comarca do Rio das Mortes

(2) Norberto, *Historia da conjuração Mineira*, pag. 65.

(3) Hoje cidade de Barbacena por lei provincial de 8 de Março de 1840. Foi creada parochia por alvará de 16 de Janeiro de 1752. A 17 de Março de 1833 teve o titulo de *nobre e leal*. Este ultimo nome (Barbacena) foi-lhe dado pelo visconde de Barbacena quando elevou a povoação á categoria de villa. Era um cidadão muito modesto, este Sr. visconde!

(4) J. Norberto, *ob. cit.* pag. 85.

THEATROS E DIVERSÕES

SANT'ANNA

Fez ante-hontem beneficio com a pomposa magica— *Princesa Flor de Maio*, a actriz cantora Delsol. Se o theatro não esteve litteralmente cheio, foi entretanto a concurrencia para satisfazer de alguma sorte a beneficiada.

Hontem foi a scena a opera comica— *Boccacio* estreado muito bem no papel de Beatriz a sympathica cantora Aliverti, contratada para fazer parte do silencio da companhia. A interessante, a

talentosa actriz Rosa Villiot, para quem passou a parte de *Boccacio*, sahio-nos um perfeito galanteador.

E' sensivelmente extranho o que vae pelos theatros, nesta temporada: rara é a noite em que apanhe qualquer empreza uma casa ao menos regular. O Heller, o empresario mais operoso dos que temos, e que não esmorece diante de sacrificio algum, e que, para satisfazer o seu publico e esse outro publico que o visita por incidente, joga todos os recursos, levantando peças custosas como a *Princesa Flor de Maio*, *Amor Molhado*, *Ramo d'Ouro* e *Dama de Espadas* do excellentes efeitos, o sumptuosas pela magnificencia da musica; quasi que desanima, porque os seus esforços, a sua dedicacão e o seu amor pela arte não são comprehendidos nem satisfeitos pelos resultados: o theatro vé se abandonado, vazio, e o seu empresario amofinando se.

E' lamentavel isto, é, e mais doloroso ainda porque, todas as peças, principalmente as que está exhibindo o Santa Anna, são excellentes, pela sua factura, pelo esmero com que estão montadas, e pela correccão do desempenho.

E' preciso que o publico auxilie a quem trabalha com tanto esforço.

LUCINDA

A companhia hespanhola de zarzuelas continúa regularmente os seus trabalhos.

O mesmo mal affecta este theatro— pouca enchente, apezar das escolhidas peças que tem representado.

RECREIO DRAMATICO

Prepara-se para a revista de Oscar Pederneiras— *Boulevard da Imprensa*, e para ella dirige todos os seus esforços e suas esperanças.

ATHENEU DRAMATICO ESTHER DE CARVALHO

Festa anniversaria á 17— Poesias, musica, comedia... um tudo!

Após a classica aventura pela orchestra, uma bella poesia hugoana rociada, pelo Sr. A. Cardoso, e escripta pelo Sr. A. Marques. Versos levantados e fortes que cahião na intelligencia dos espectadores como malho em bigorna.

Em seguida a sympathica Helena, a Helena Cavalier, e mais os Srs. Baptista, F. Pereira e J. Rodrigues representarão a comedia o *Tio Torquato*.

Depois do *Amor por Annazins* foi á scena, como remate final, o entre-acto— *Um grão de areia*.

E depois... lá para a meia noite... ainda estamos com a tontura das esplendidas valsas, polkas e quadrilhas com que terminou a festa.

Os espectadores forão perfumados com a distribuição do— Jasmim.

TEUS OLHOS

Se da vida nos abroelhos
Vai em p'rgo o meu batel,
Vem logo a luz dos teus olhos
Varrer todos os escolhos
Deste oceano revel.

Sou nauta f. liz então!
Demandado o teu amor,
Vejo o mar sereno e bom
Como a paz do coração
Depois d'uma grande dor.

E nem tu sabes, bem sei,
O' minha celeste amada.
Os p'rgos porqu'eu passei
Emquanto não encontrei
Essa luz abençoada.

As tempestades de outr'ora
E aquellas noites sombrias
São hoje a fanal aurora
D'esta minha vida inflora
De esperanças e alegrias.

E se procenosa o mar
Eu vou sigrando sereno...
Me illumina o teu olhar
Mais branco que o luar
Da noite de Nazareno.

O ceu onde tu habitás
— Ninho de eterno socego —
Não tem as cruéis desditas
Q'eu outr'ora via escriptas
No meu horieonte negro.

Essa luz que tu m'envias
— Sacra luz de puro amor —
Será sempre a luz dos dias
Que me restam de alegrias
Ou que me restam de dôr.

Mas se em meiva tempestade
Eu naufragar nos abroelhos,
Só peço por caridade
Esta suprema vontade
— Morrer á luz dos teus olhos—

JOSÉ DIAS MOREIRA

TRATOS Á BOLA

Desaíamol-os; não vieram. Fracos, moles ou ainda noviços, que deram-se os Fricinaes. Gloria nós que os trucidamos! Louvores á nós que a calva á mostra lhes puzemos. Verdade é que charadas como as que apresentamos são para mestres. Ainda que assim seja, porem, admiramo-nos imenso de que nembum dos afamados charadistas do Club (Entre parentthesis: como vai elle?) não conseguisse decifrar nada, absolutamente nada!

Vergonhoso é; chega até a ser medonho.

Emfim, estas que hoje offerecemos são mais facéis, para afflicção não augmentar ao afflicto. D. Josephina B., Fricinaç Vassico, D. Cezar de Bazan, F. S. L., D. Cecam do Prado, M. G. P. M., Nhonhô, D. Guilhermina D., Fausto Junior, e outros em quem poder só nós tivemos, não esbarrarão.

Eil-as:

NOVISSIMAS

1-1— Abaixo de Deus ordeno ao homem.
2-2— A mulher dá gordura para o peixe?

Lulú

1-3— Esta ilba roda rodando.
2-1— Quem porfia mata caça.

Botãozinho de Ouro

INVERTIDA

(Ao Nhonhô)

A's direitas um estofo
No Moraes encontrarão;
A's avessas não maleitas
Mas caiporismo verão.—2

Lauro Cortez

TELEORAPHICAS-CONTINUAS

Facha cobre?
Gelo é genero?
Raiva é animal?

Lulú.

CONTINUA

Terá valor?
— Valor não tem,
Querido bem,
Mas bom sabor! —2

Maria de S. Rocha.

LOOORIPHO

(A Exma. Sra. D. Cecem do Prado)

Eu observo nesta roda—1, 6.
Uma coisa singular! —5, 2.
Para tudo ha pretexto—C. 3, 3.
E não se pode fallar...

Esta agora é muito boa!
Um sugeito é ferido;
Porem se escapa da cura
Pelo medico é detido

Lulú

DECIFRAÇÕES

As do nosso passado numero eram: *Acard, aragá* (invertida) *Professorado, Praxtelles e Chypre* (novissimas), *Talha e medo* (telegraphicas) *Imprensa* (logogrifho.)

DECIFRADORES

Certos: D. Maria da S. Rocha, que ganhou o premio *Luqras*, de Alfredo de Souza; Zé da Luz, que chegou tarde; Max, Tom & C., idem e Lauro Cortez.

Quasi e incompletos: José Victor da Silva, que só não decifrou *Praxtelles e Chypre*; Gil Braz, idem, e as telegraphicas; Ary Fontenelle (Vassouras) idem, idem, idem; Botãozinho de Ouro da mesma forma.

Ainda assim força é confessar: foram valentes e bem valentes. Contem com a admiração do.

Myllius.

EXPEDIENTE

Sr. Lulú—Queira desculpar as alterações que fizemos.

Sr. Botãozinho de Ouro—A's ordens. Mande mais e assim boas.

Sr. Zé da Luz—Penhora-nos. Mais tarde. Pois não vé que Myllius tem apenas quinze dias de existencia?

Sr. J. S. T.—Não é comnosco, caro Senbor.

Sra. D. Maria da S. Rocha—V. Exa. manda, não pede. Nós obdecemos-lhe, não fungamos.

Decifrações até terça-feira ás 10 horas da manhã.

Premio ao 1º barra que...

MYLLIUS.

FACTOS E NOTICIAS

Sabbado passado, ás 7 1/2 horas da noite ficou inaugurada a Associação de Beneficencia Portuguez Memoria á Luiz de Camões.

Houve sessão solemne, discursos, e distribuição de titulos pelos associados.

A nova directoria impossada está assim composta:

Presidente, Delphino J. Pereira;

Vice-Presidente, José M. Baptista; 1º Secretario, Gregorio G. Seabra; 2º Secretario, M. M. de Oliveira; Thesourero, F. J. Gonçalves Vieira; Procurador, J. J. Cordeiro.

Durante a festa tocou a banda de musica do corpo Policial de Nictheroy.

Da Bahia chegou ultimamente o illustre cavalheiro, nouseo particular e prestimoso amigo Ex. Sr. Dr. Marcolino de Moura.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Hontem reuniu-se em sessão litteraria esta sociedade. O Sr. Caetano de Castro propoz para socio contribuinte o Sr. Manoel Antonio da Costa.

Do Sr. José Alves Ribeiro de Carvalho receberam-se 75 volumes de diversas obras.

Oraram eobre diversos assumptos os Srs. Caetano de Castro, Leite Guimarães, Dr. Celestino Vicente, Rodrigo de Mello e Souza, Claudino Netto e Dias Moreira.

Na 3ª parte discutiu-se o thema:—O papado na actualidade é util ou prejudicial aos povos?

Orou o Sr. Dr. Domingos Maria Gonçalves, mostrando-se favoravel á existencia do papado pelo lado politico.

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 8 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado, Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Ratisbora Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristides Lobo — Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro — Medico e especialista em molestias de criança o siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores do machtaem o appparelhos para lavoura—Schubert irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Urugayana n. 55. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo. — incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estatu. Vinho de pepsina e diastase panitreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Rodrigues Lima—Mico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgílio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Noza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis e judiciais na cidade de Muzambinho o seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA
HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR 45,

A NOIVA RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabelos
PERFUMARIAS, MODAS E
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

RUA DO OUVIDOR 45, 22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

A PAULICÉA
REABRI-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA

BRILHANTE INAUGURAÇÃO

NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandee liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possivel promptificar para hoje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o quo faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, CORRÊA & FREITAS
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

A PAULICÉA
2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2
RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA
REABRI-SE NO DIA 1º DE MARÇO